



Água

Marcos Vinícius Almeida

João pedala o mais rápido que pode. Não quer ficar para trás. Mas é um menino de pernas curtas e os pés escapam ao giro dos pedais e encontram o vazio. Duas lascas amarelas de um galão de plástico presas ao garfo dianteiro da bicicleta. Barra-forte azul. Segunda mão. Câmbio de doze marchas adaptado e pneus aro vinte já apodrecidos nas bordas. Batem contra as raias e entoam o som de um ventilador defeituoso. Mas pode ser também o som de uma turbina. No mundo de um menino um barulho pode ser qualquer coisa. A nuvem de pó cresce à frente e há os gritos e os pneus girando sobre o cascalho e ele tosse e respira e tosse. Quase vai ao chão sob a lambada de baques e solavancos de buracos e pedras e toras que brotam de repente do solo. Os olhos cheios d'água piscam – piscam – e piscam. Nada ajuda. Gritos e risadas se afastando. Correntes lubrificadas com óleo de cozinha logo embucham e depois estalam como mordidas de metal contra metal. A testa encardida do pó dessa terra cor de sangue. Limpa o suor com as costas da mão. Depois da descida a estrada corta a serra ao meio. Uma subida íngreme e cheia de pedras e com valas rasgadas por enxurradas e serpenteando o caminho de uma ponta a outra. Há uma paineira no sopé do morro e uma bica d'água entre os bambuzais. O ar parado e o estalar das moitas lutando contra o próprio peso. Bolas de paina caem lentas como se a gravidade as ignorasse e a paineira derrama seu branco até o meio da estrada. Uma depois da outra as bicicletas derrapam no cascalho e são arrastadas até a sombra e jogadas na grama. Os meninos descem e vão encher as garrafas d'água. Arrancam as camisas e batem contra o corpo e passam no rosto tentando arrancar a poeira. João chega por último. Pega sua garrafa e entra na fila. As painas caem na água e são arrastadas pela velocidade do pequeno córrego que desaparece sob a infestação de taiobas jurássicas. A nuvem de pó na estrada se dissipa sem pressa e os outros meninos já deitados na grama olham os galhos ressecados e cheios de espinhos lá no alto e pipocados de branco.

Parece algodão, alguém diz.

João molha o rosto e limpa a testa mais uma vez. Um bando de urubus voa em círculos no topo da serra. Alguns tão alto que parecem minúsculos fios de cabelo perdidos e escorregando no céu. O vapor que a terra exala distorce e tremula os morros próximos do rio. João enche sua garrafa até a borda e bebe dois goles afoitos e enche outra vez. A água é fria e há um bando de girinos nadando no córrego onde a bica deságua. Confere a corrente da bicicleta. Não devia ter usado óleo de cozinha. Cata um monte de paina e começa a limpar.

Um homem surge no alto do morro. Vem caminhando na direção dos meninos e sem pressa. É uma figura miúda no canto da estrada. O sol das duas fervilha num azul pálido e sem nuvens. João olha para os outros meninos que olham de volta e olham uns para os outros. Ninguém diz nada. O homem continua avançando sem pressa.

João se lembra de sua mãe dizer para tomar cuidado com viajantes e andarilhos. Homens sem lugar. Gente sem raiz é nada, ela sempre diz.

O homem ainda está longe.

João é o primeiro a se levantar e ficar de pé olhando o homem se aproximar. Todos se calam e já dá para ouvir o barulho dos passos no cascalho. O homem usa um boné amarelo com números desbotados de eleições imemoriais. Um tênis de cano alto com a língua caindo para fora e a calça sem cor definida tem um buraco no joelho direito. O semblante é amistoso. A barba cinzenta e desgrenhada e coberta de pó esconde a boca. Os olhos azuis lembram as chamas de um fogão a gás.

Boa tarde, o homem diz.

Os meninos respondem de forma descompassada, como se cada um tivesse um ritmo próprio para lidar com a situação.

Posso encher minha garrafa?

Claro, diz João.

O homem tira a lona das costas e coloca na grama. Assovia. Parece feliz. Pega um litro descartável vazio e sujo de poeira. Há um leve cheiro de fezes misturado ao suor. Ele se agacha próximo da bica. Deixa o litro de lado e lava mãos. Tira o boné e joga um pouco d'água na cara e no cabelo e depois outra vez na cara e coloca o litro para encher.

É água boa, diz. Olha a quantidade de girino aqui. Se a rã coloca os ovos aqui, é porque é vivo, não tem veneno, não tem perigo nenhum. Se fosse ruim, não tinha nada.

O senhor é andarilho?, João pergunta.

Meu nome é Elias.

Pega o litro e bebe quase a metade e limpa a boca com as costas da mão e coloca o litro outra vez para encher.

Nosso corpo é pura água. Tem mais água do que terra no mundo. A gente acha que é terra porque os olhos enganam a gente. Mas a verdade é que tudo é feito de água. Você corta o dedo, o que sai?

Sangue, alguém diz.

Mas o sangue é água, só a cor que muda. Se você for lá no meio daquele pasto e pegar uma enxada e furar um buraco e for cavoucando a terra que é seca e puro pó fica molhada e cada vez mais molhada até virar água. Se cortar uma laranja no meio, é pura água por dentro. Até dentro da mulher quando a gente coloca o dedo é molhado. E quando a gente goza e gera um filho é na água que ele cresce. E quando vai nascer a água da bolsa escorre nas pernas da mulher e avisa. Já viu um defunto?

Só na televisão, alguém diz.

E como ele é?

Ah, tem o olho afundado e é branco.

É seco, diz o homem.

O litro descartável está cheio. Ele levanta e senta-se na grama junto dos meninos. Bebe um gole d'água. Tira um baseado do bolso e risca o isqueiro e começa a fumar e tossir e traga outra vez.

Alguém conhece São Paulo?, ele pergunta. Já viram como são os rios lá? Mortos. E as pessoas não se olham nos olhos e matam por mixaria. Medo e ódio. A água é boa, mas também é ruim quando precisa. A água se vinga. Quando chove é tudo revirado e carros são arrastados e as pessoas se desesperam tentando entender o que aconteceu. Não tá claro?

De onde o senhor veio?, João pergunta.

Da estrada.

E vai pra onde?

São Tomé das Letras. Talvez. Tenho um amigo lá. Faz dez anos que não vejo ele. Mas depende muito.

Ele molha os dedos na ponta da língua e apaga o baseado e guarda no bolso. Então se levanta e olha para João.

Você, menino. Eu conheço esse seu jeito. Conheço bem.

O homem joga a lona nas costas e abana o boné e começa a andar. Os meninos se cutucam e riem risos abafados que logo aumentam à medida que homem se afasta. Alguns já o imitam. Mas João não para de olhar para o andarilho.

Um caminhão três quartos surge na estrada e arrasta uma nuvem de pó que não tem pressa em se dissipar. Um menino do tamanho deles vem na carroceira sobre as latas de cinquenta litros que batem umas contra as outras e se misturam o som da madeira se vergando. O caminhão buzina quando passa por eles e os meninos respondem com gritos e assovios. E o menino na carroceira levanta o braço, mas logo abaixa, segue olhando para frente na estrada.

O andarilho olha para trás e para na beira da estrada esperando o caminhão alcançá-lo. Parece tudo combinado ou aquele homem já sabe bem como esse mundo funciona. O caminhão reduz a marcha e o homem tira o chapéu e se aproxima. Enfia a cabeça pela janela e aponta para o alto da serra e faz curvas com as mãos e sinais com os braços e solta uma risada. É muita sorte. Coloca o boné na cabeça outra vez e joga sua trouxa na carroceria e sobe num golpe só. O caminhão acelera e aos poucos vai vencendo a serra. O barulho das latas rebatendo umas contra as outras diminui até sumir.

Os meninos pegam as bicicletas e riem e começam a pedalar e a nuvem de pó sobe outra vez e outra vez João vai ficando para trás.

Ele deixa a bicicleta à beira da cerca de arame farpado e corre atrás dos outros meninos, já do outro lado, correndo na direção da água. É verde e cinzenta sobre as pedras e quando chove tem cheiro de barro e os pés grudam no fundo – cheio de folhas – grudam feito um lençol coberto de lesmas.

Margeando o rio há uma floresta de candeias e caviúnas – troncos retorcidos e esguios – como se tivessem crescido se esgueirando sob as frestas de um peso invisível. Vez ou outra aparece uma vaca. A língua é grande rosada e lambe o sal grudado no pelo e bebe um pouco d'água e desaparece abandonando só o rastro. E então aparece outra vaca e talvez seja a mesma e João continua junto dos outros meninos. Espera sua vez de subir.

A correnteza é fraca mesmo quando chove e basta mergulhar de uma vez. Não é complicado. Suas braçadas são descoordenadas e sempre se esquece de bater as pernas, mas

a distância é curta e o próprio rio o conduz e seus pés tocam as folhas e então já está na areia outra vez. E ele espera e sempre espera a mesma coisa de sempre.

As únicas embarcações nessas bandas são um bando de canoas de um bando de funcionários aposentadas da Prefeitura. Um monte delas. Afundadas. Correntes brotam do fundo do rio onde o rio é mais calmo e costuram as margens de fora a fora amarradas a árvores e pedras. E na cabeça de um menino de dezesseis anos a cena toda é de um punhado de âncoras cravadas até o talo e bem fundo onde os olhos nunca alcançam.

Quando chove e depois faz sol como hoje esses dois caras magrelos e cabeludos com tatuagens verde azuladas de tribais borrados aparecem com uma mochila nas costas e uma sacolinha na mão cheia de cogumelos. Os caras de tatuagem não sabem muita coisa além de dois ou três canais de TV aberta, blogs anarcopunk's, torrents de vídeos de cabeças decepadas com machado dos cartéis mexicanos, a discografia do AC/DC e a camiseta com o rosto de Peter Tosh pintado à mão. E a alegria da garrafa de cachaça debaixo do sol – morna feito café. Mas sabem que o fundo de um rio é um mundo e a areia é traiçoeira e sempre se move e nunca está no mesmo no lugar. Eles param na outra margem do rio e acendem um baseado e assistem os meninos desse lado pular.

Veja só esse gordinho do cabelo loiro esfumaçado e franja caindo nos olhos e bermuda vermelha apertada e com as ancas cobertas de estrias e os joelhos apontados um para o outro. O nome dele é Rafael e ele precisa de ajuda para escalar a árvore. O resto dos meninos ri e os caras cabeludos de tatuagem na outra margem também. O gordinho também acha graça. Veste um riso cheio de resignação e tédio precoce de quem já viveu em uma quinzena de anos a frustração e aceitação total das forças obscuras do mundo tal como é. Mas o gordinho é também um sujeito enfezado e quer provar que é o bom e que ainda há esperança e salta com tudo e de ponta cabeça. No ar: uma grande rã albina e desengonçada rumo ao fracasso total. E todos ainda estão rindo quando a cabeça do gordinho bate com tudo – num banco de areia.

O chiado das águas e os gemidos do gordinho são tudo.

Os caras de tatuagem na outra margem do rio agora estão de pé e um deles coloca a mão sob a testa para afastar o sol e tentar descobrir o que aconteceu. O gordinho está no chão. Os meninos se movem dispersos e se aproximam e depois se afastam e rodeiam o corpo e se agacham hesitantes. Exatamente como um bando de meninos diante de um fato além da sua compreensão. Um dos meninos se levanta e olha para os caras de tatuagem e faz um sinal. Então os outros meninos também erguem os braços e chamam e gritam e alguns

até choram. Os dois caras de tatuagem saltam na água com roupa e tudo e avançam em lentas braçadas.

Eles encontram o gordinho deitado, a cara suja de areia e os olhos recolhidos. As pálpebras se movem em espasmos e o pescoço descreve um ângulo estranho. A pele ao redor tem um tom roxo pretejado – roxo berinjala – como se tivesse sido apanhado de surpresa pelo golpe seco de uma forca.

Dois meninos correm morro acima. Correm contra o capim que bate na cintura. Chilenos, camisetas amarradas na cabeça e as bermudas encharcadas. Correm em linha reta e os pés afundam tragados pela terra vermelha e porosa. Um atrás do outro e já ofegantes. O sol das três da tarde é um grande aro esbranquiçado chapado no fundo azul silencioso e o chiado do rio lá embaixo é agora um murmúrio quase inexistente. João vai à frente com o telefone na mão. O vale é íngreme demais e a linha de montanhas no horizonte encobre o sinal. Ele para e olha o visor. Constata o óbvio. Nada. Olha para trás – balança a cabeça – e voltar a correr.

D. Ermínia sempre fala do anjo da guarda nas aulas de educação religiosa e a mãe de João fala para rezar para o anjo da guarda ao se deitar. João reza quando precisa resolver intrigas na escola ou precisa de dinheiro para comprar roupas novas para ir às festas no fundo da garagem na casa do Marcelo onde se toca música lenta e se bebe vinho escondido. Também reza para apaziguar uma dessas paixões repentinas de deixar o caboclo meio endoidado. Mas os critérios de seu anjo da guarda vão além de sua compreensão. Responde apenas as demandas sem importância, coisas insignificantes como espantar uma gripe – um prato de comida por dia – e deixa o principal de lado. E agora ele precisa que o anjo da guarda ajude o Rafael, porque o Rafael nunca faz nada de errado. Rafael é uma pessoa boa, não gosta de confusão, não faz mal a ninguém e nem mesmo revida as gozações que todo mundo faz o tempo todo. Rafael é uma pessoa boa, não é? E pessoas boas são recompensadas, não são? O anjo da guarda, Deus, todo mundo gosta das pessoas boas, não gosta? E as pessoas boas são boas porque ser bom garante que a vida será boa e nenhum mal vai derrubá-las. O senhor é meu pastor e nada me faltará. É isso que o padre diz e que a D. Ermínia diz e a sua mãe repete e aqueles homens de terno na TV também repetem à madrugada toda e aquelas pessoas com doenças incuráveis e radiografia na mão e dívidas impagáveis e depressão e viciados em crack e presidiários que mataram gente repetem e repetem. Gente ruim e que rezou bastante e se arrependeu. E o anjo da guarda, Deus, a D.

Ermínia e o padre e os caras de terno da TV e as meninas que bebem vinho na garagem da casa do Marcelo e as pessoas com doenças e os viciados em crack – todo mundo é feliz. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum. Porque o senhor é meu pastor e nada me faltará.

João confere o celular, mas não há sinal. Gordinho era um cara engraçado e nunca fez mal a ninguém. João para e espera pelo outro menino.

Não vai adiantar, diz Marcelo. Quando a gente conseguir ligar já vai ser muito tarde.

Mas o que é que a gente vai fazer? Ombrar o cara e levar até a cidade?

Não sei, João. Só acho que não vai dar certo.

Tá vendo aquelas pedras lá em cima, perto daquela árvore redonda? Então. Lá eu tenho certeza que pega.

Já foi lá?

Já. Eu e o Augusto ficamos ali um dia ligando pra casa da Ariela. Pegou de boa.

Eles passam a árvore e alcançam as pedras. O traçado do rio é ainda mais sinuoso e as árvores encobrem o local onde o gordinho está estirado. Nuvens negras se aproximam ao longe encobrendo lentamente as serras, avançando na direção do vale e da cidade. João confere o aparelho, mas não há sinal. Gira o telefone, retira a bateria e coloca outra vez. Todo o esforço é inútil. E talvez haja mesmo algum tipo de plano incompreensível em tudo que acontece. É isso que diz o padre, d. Ermínia e sua mãe. É o que dizem também os caras de terno na TV gritando como se estivessem um tanto quanto aborrecidos ao falar do amor de Deus. E também é isso que ele pensa quando ouve um barulho às suas costas e dá de frente com um homem de chapéu marrom em um cavalo magro.

O homem a cavalo demora um pouco para entender os dois meninos falando ao mesmo tempo numa confusão de gestos e lágrimas nos olhos. Mas agora Marcelo já está na garupa do cavalo e ele o homem vão rompendo o pasto no rumo da estrada, desaparecendo no rumo da cidade. É difícil acreditar que um pangaré tão magro carregue duas pessoas no lombo. João senta-se na pedra e observa as nuvens avançarem. O tempo sempre muda sem avisar. Um estouro de maritacas surge de uma árvore como se as folhas tivessem ganhado vida. Elas voam contra o vento e se dispersam e depois se aglutinam escapando do vale e quanto mais se afastam mais aqueles gritos estridentes soam como lamentos. Não dá para entender. Começa a cair uma chuva rala e constante e as árvores se dobram e há esse chiado perene do vento e o rumor de carros se aproximando e o cheiro de madeira velha e podre

no ar. A água também é ruim quando precisa. A ambulância desce a estrada com a sirene desligada e desaparece sob as árvores e também a viatura de polícia apenas com as luzes piscando e o Chevette marrom do pai do gordinho surge na curva mais rápido que os outros e quase estoura no barranco. Os pneus giram em falso sobre o cascalho e o cascalho é lançado para trás e a traseira passa lambendo a cerca. Reduz a marcha. Acelera. O barulho do motor ressoa grave e o carro vence o pouco de estrada que resta. Tão logo desaparece sobrepujado pelo barulho da chuva.